

ISSN 2358-4831

Y SI LOS HOMBRES
PUDIERAMOS VOLAR?

Edição nº 17 | julho de 2015



REVISTA
Reabiru



UMA REVISTA COLABORATIVA SOBRE
CULTURA LATINO-AMERICANA

Y SI LOS HOMBRES

PUDIERAMOS VOLAR ...

EXPEDIENTE

EQUIPE: AUTORES COLABORADORES:

COORDENADOR DO PROJETO: MICHELE DACAS

RENAN XAVIER

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA: FRANCIELI REBELATTO

IDEALIZADORA E EDITORA: MICHELE DACAS

BOLSISTA: MAYARA GOMES

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÃO: ANITA DELVALLE

DIANA CANALES

ADOLFO DELVALLE

ATILON LIMA

FRANCIELI REBELATTO

FELIPE LOVO

JULIANA ADLYN

JÚLIO DA SILVEIRA MOREIRA

MATEUS BOAVENTURA

MAYARA GOMES

APOIO:

GRUPO PET | CONEXÕES DE SABERES | UNILA

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

CURTADOC/SESCTV

EDITORIAL

Tal qual os ventos de julho, a nova edição pulveriza a força das culturas em luta e escoar por suas páginas outras vozes e olhares. São as Américas Latinas, múltiplas também pelas vistas das telas da rede de televisões públicas e culturais latino-americana, a TAL. Assim como as chuvas que trazem o inverno, a edição Nº 17 vem para desintegrar convicções e semear outros tempos, abrindo passagem à reflexão. Ela marcha pela liberdade junto das mulheres originárias nas ruas da capital portenha, reconhecendo em suas bandeiras as cores e filosofias de suas existências, como o Buen Vivir que luta pela convivência harmônica entre os povos tradicionais no mundo globalizado. Nas mesmas ruas, a edição cruza com outras mulheres, também em marcha, mas pelo fim do feminicídio e do silêncio de suas irmãs. Ni Una a Menos, ecoam as vozes delas. E por aqui, pelas cidades brasileiras também elas se colocam em marcha, e comemoram o dia da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha, questão essa a interrogar para além dos territórios nacionais. Ainda por essas páginas, a revista traça o tecer da cultura paraguaia, testemunho do Ñanduti, bordado nas mãos vividas de gerações e sentimentos, que desenrola-se no contar de uma lenda ou de uma história. Ah, as histórias...essas que quando narradas desde fronteiras e vigílias parecem sonar muito mais fortes e impactantes. Como os passos das travessias que carregam os sonhos rebatidos no muro entre Tijuana, no México, e San Diego, nos Estados Unidos. Ainda que sejam relatos do deserto, também povoam as páginas da Peabiru de julho. Entre você também por essas teias, marchas e telas e..

...TECITURE-SE >>>>



ÍNDICE >>>

6 ÑANDUTÍ FRONTERIZO

8 DIA INTERNACIONAL DA MULHER NEGRA,
LATINOAMERICANA E CARIBENHA

9 "JORNALISMO SELF":
UM CELULAR E BOAS HISTÓRIAS PRA CONTAR

10 AQUÍ ES DONDE REBOTAN LOS SUEÑOS

12 NI UNA MENOS: MAIS GRITOS NAS RUAS

14 CONHEÇA A REDE DE TELEVISÕES PÚBLICAS E
CULTURAIS DA AMÉRICA LATINA: A TAL

16 ANÁLISE DO DOCUMENTARIO "TARABATARA"
(2007) DE JULIA SAKIA

18 AS RUAS QUE GRITAM: GRITO DO FEMININO

conexões de



Kanduti Fronteuzo

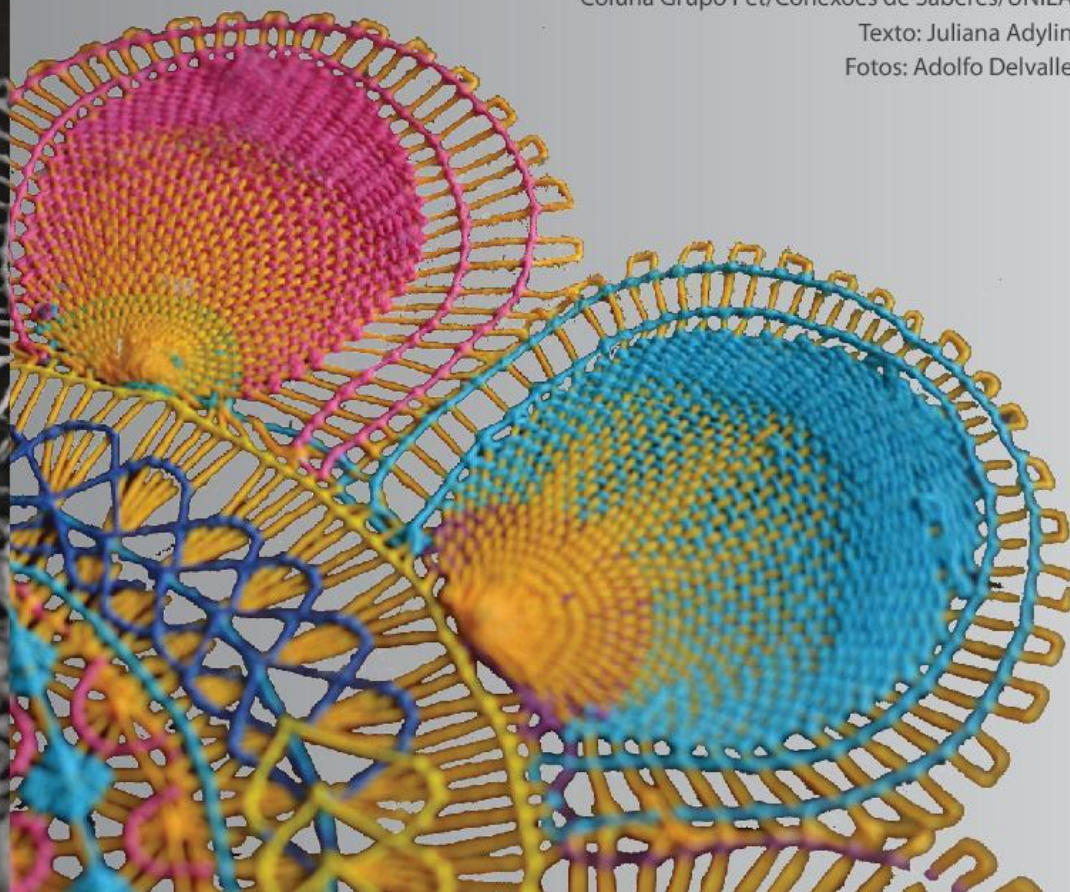
Com quantas vidas justapostas, tecidas se conjuga uma história? Quais são as cores, remendos e texturas compreendidas no confeccionar dos dias? Qual o lugar, nessas linhas tênues, entre o rústico e o delicado, o frágil e o eterno?


Formamos teias...

Coluna Grupo Pet/Conexões de Saberes/UNILA

Texto: Juliana Adylin

Fotos: Adolfo Delvalle





O Ñanduti – compreendido como teia em guarani – é um tradicional artesanato paraguaio produzido a partir do encontro de muitas linhas e que por meio de mãos inquietas, majoritariamente de mulheres, formam arranjos florais e geométricos que comunicam mitos de sua origem ligado a amores e à natureza.

Cada nó se coloca como presságio de nova narrativa, ora expandindo, ora retraindo, sempre nos emaranhando em outros, nos movendo a cantos distintos e, como é de se imaginar, produzindo os mais híbridos, assombrosos e belos desenhos.

Tantas narrativas em tecido desabrocham: um dos mitos mais conhecidos popularmente contam que para regalar uma jovem, um índio apaixonado tenta agarrar uma bela teia tecida entre galhos nas árvores, pela ñandu – a aranha. Dado seu fracasso em se apoderar de algo tão belo e frágil, a mãe do índio o ajuda, retirando seus fios de cabelo branco e orientada pela ñandu, tece suas próprias tramas. Então a anciã cria para seu filho um gracioso e resistente Ñanduti, diferente da efêmera e frágil tecitura da aranha exposta na moldura das árvores.

Há muitos anos essa lenda inspira a produção desse artesanato Paraguaio, bordado por muitas mulheres, que desde sua infância, criam com uma diversidade de pontos essa renda multicolorida. A produção acontece principalmente na cidade de Itaugua, também famosa pelo Festival do Ñanduti, realizado desde os anos 70, para difundir e dar visibilidade a este artesanato, considerado um dos patrimônios de la Artesanía y del Folklore do País.

Feito tal como flores caleidoscópicas, nascidas de olhos atentos e pacientes. De encaixes e enlaces de fios manipulados delicadamente que podem nos contar metáforas do encontro, dos nós, das redes, das teias, das bordas. Remendos e das tantas vidas caseadas e soltas destes pontos até o porvir.

Assim como as mulheres inspiradas na ñandu, vamos ziguezagueando, circulando e cozendo no vasto tecido que está posto.

Fabricamos motivos sob os dias, produzimos a nós mesmos. Somos, enfim, os protagonistas da agulha. Como as rendeiras do Ñanduti em seus feitos de linha e existência.



25 de Julho

Dia Internacional da Mulher Negra, Latinoamericana e Caribenha

*Você já ouviu falar do 25 de Julho? O que ele significa para nós,
mulheres negras, latinas e caribenas?*

Quando a América Latina e África foram saqueadas pelos povos europeus, quem mais sofreu foram as mulheres. A discriminação de gênero já existia fortemente nos países europeus, e foi pior quando vieram pra cá, os povos latino-americanos e africanos eram considerados selvagens, não-civilizados, somente por não viverem da mesma forma que os europeus viviam, e as mulheres estavam mais abaixo ainda desse patamar.

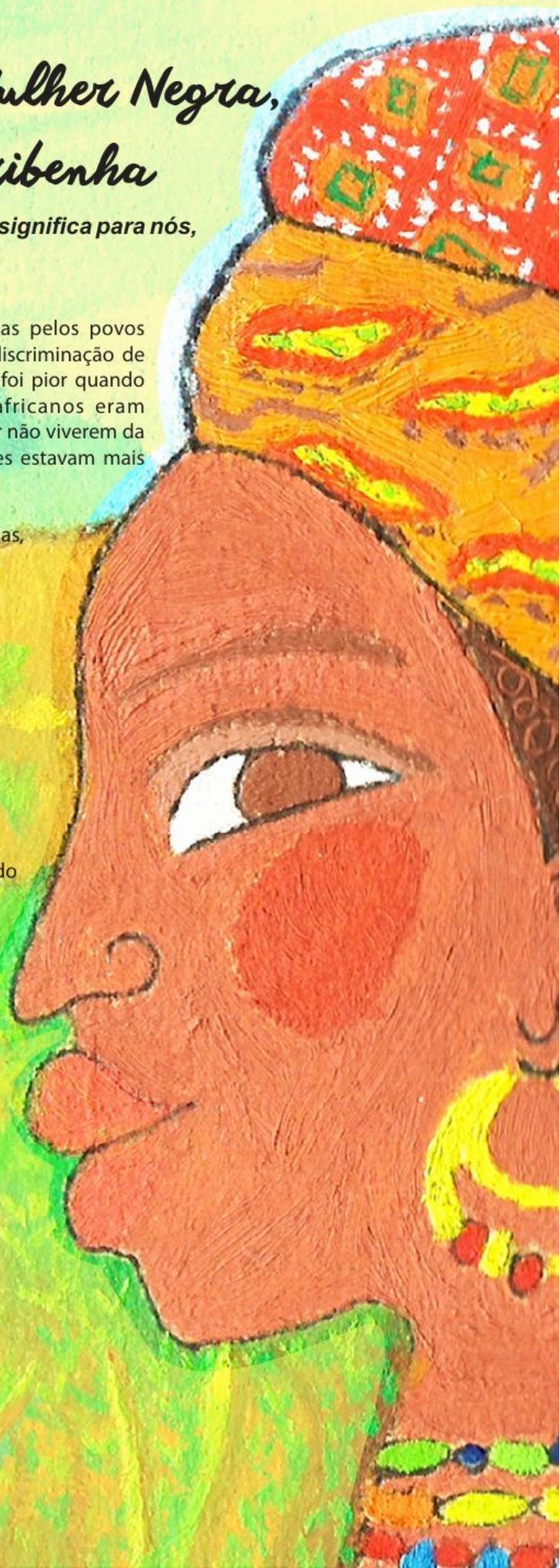
Éramos corpos que não importavam, estupradas, violadas, violentadas, usadas, humilhadas, deveríamos servir não só como trabalhadoras, mas como empregadas de corpos e mentes disponíveis a todo instante.

Nossa história foi e é diferente, e nossos processos de emancipação mais ainda. Lutamos contra o racismo, pelo fim do genocídio do nosso povo, pelo respeito à nossa cultura, nossas raízes, nosso corpo, pelo fim da exploração de classes.

O 25 de Julho é mais que uma data comemorativa, é um momento de reflexão, é um marco internacional de resistência e luta pelas nossas demandas. Ele foi instituído em 1992, no I Encontro de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-Caribenas, justamente pra dar visibilidade e reconhecimento à luta por representação dessas mulheres, à nossa luta!

A importância que a data traz, além de uma grande representatividade, é mostrar que é necessário discutir sobre o papel da mulher negra, periférica e latino-americana na sociedade, é necessário que haja uma reflexão sobre o que essas mulheres representam na conjuntura em que vivemos hoje, e que todo indivíduo tenha consciência disso. Fortalecer os laços com nossas raízes, nossa América Latina e Caribe, é demonstrar o quanto somos fortes, seguimos vivendo e (re)sistindo.

Por Mayara Gomes





“Jornalismo Self” : Um celular e boas histórias pra contar

Mateus Boaventura, estudante de Jornalismo da UFSC

Foi pouco equipamento que precisei para apresentar minha passagem de cinco meses na Argentina. No segundo semestre de 2014, participei de um intercâmbio acadêmico na Universidad Nacional del Nordeste (UNNE), província de Corrientes. Além das aulas, produzi e editei reportagens sobre a região, com imagens gravadas pelo celular. As matérias foram transmitidas no projeto de extensão “Telejornal Diário da UFSC” – TJ UFSC –, e também na página de produções independentes de estudantes em intercâmbio “Correspondente Universitário”.

O intuito da série foi contribuir com a promoção da integração cultural na América do Sul, uma vez que traz à tona conhecimentos em relação a vários itens: história, vida cotidiana, cultura, costumes, etc.

A região nordeste argentina faz fronteira com o Brasil e Paraguai e é conhecida como região litorânea, por ser cortada pelo 8º maior rio do mundo, o Paraná. Um dos vídeos é dedicado à história da capital da província que leva o mesmo nome, Corrientes, e trata da arquitetura antiga da cidade.

A cultura guarani está sempre presente. Corrientes é a única província argentina com dois idiomas oficiais: o castellano e o guarani, apesar do último não ser ensinado nas escolas. Muitas cidades recebem nomes no idioma. É o caso de Itati, uma pequena cidade de 8 mil habitantes, cujo

nome significa “pedra branca”. Este, segundo a história, foi o lugar onde encontraram a imagem da Virgem de Itati, que é a padroeira da província e da cidade, que fica na beira do Rio Paraná. Tornou-se um centro de peregrinações anuais. Em setembro de 2014, participei da peregrinação do dia do estudante. Caminhei 70 km, junto com outros 200 mil jovens, da capital Corrientes até a Basílica de Nossa Senhora de Itati - dona da maior cúpula da América, com 78 metros.

Os temas das outras reportagens são variados: uma viagem até Mendoza, na fronteira com Chile, mostrando uma das mais belas rodovias do mundo que cruza a Cordilheira do Andes; a história de Juan Bautista Cabral, um simples soldado correntino que salvou a vida do Libertador da América San Martín, na Batalha de San Lorenzo; um cachorro que viveu na Cidade de Resistência, capital da província de Chaco, entre os anos 1950 e 1960; o costume local de se banhar no Rio Paraná para se refrescar do calor em uma das praias de rio da região, além da tradição de tomar o mate e o tereré, bebidas típicas do lugar.

Fiz o que chamei de “jornalismo selfie”, em que utiliza-se a câmera do celular. Fiz algo que classifico como um jornalismo alternativo ou não tradicional, ainda que tratem de temas habituais. Apresentam, na forma e no conteúdo, a perspectiva do repórter como protagonista do relato e da mensagem.



Aquí es donde rebotan los sueños

“Aqui é onde os sonhos são rebatidos” - frase no muro entre Tijuana e San Diego

O que passa e o que fica barrado na fronteira entre México e Estados Unidos? Arrisco aqui uma resposta tendo observado o muro que divide as cidades de Tijuana e San Diego.

Em seu Culturas híbridas, de 1989, Canclini dizia: “varias veces pensé que esta ciudad es, junto a Nueva York, uno de los mayores laboratorios de la posmodernidad”. Mas bem, em que sentido? Que pós-modernidade? Muita coisa se passou durante 20 anos, até que, em 2009, Canclini reavaliasse: “es un laboratorio de la desintegración social y política de México como consecuencia de una ingobernabilidad cultivada.”

Esta é Tijuana. Paradoxo. De uma das fronteiras mais polarizadas do mundo. Welcome to Tijuana, tequila, sexo, marijuana. Welcome to Tijuana, con el coyote no hay aduana. Uma cidade onde o hedonismo se encontra com o selvagem e desconhecido? Não... Esta é uma visão idealizada pelos que estão “do outro lado”. Que vêem o outro como selvagem porque vêem a si mesmos como civilizados. Essa pintura hedonista acaba servindo para ocultar grandes problemas, como a migração indocumentada e as deportações. Como a música de Manu Chao mostra, o clima é tenso.

Quando uma família é separada pela deportação, não pode voltar a se encontrar. Porque quem está aqui não pode ir pra lá, e quem está lá, se vier pra cá, não volta pra lá mais. Para solucionar o impasse, havia um Parque da Amizade, do lado de lá, onde a militarização dava um tempo. As famílias faziam piqueniques, metade de um lado das grades, metade do outro (e ainda falam tanto do Muro

de Berlim...). Em 2009, o parque acabou, e foi construído um muro adicional do lado de lá. Agora, quem está lá nem se aproxima, e quem está aqui faz pressão.

É o muro de toda a América Latina. É lá onde se sente mais a pressão de tudo que vem de todo o Sul, desde a Terra do Fogo. Era essa pressão que levavam Pancho Villa e seus 1500 soldados quando invadiram os Estados Unidos em 1916. A história se repete a cada dia. Muitos Pancho Villa, movidos pela necessidade material de sobrevivência, cruzam, com papéis ou sem papéis, para o lado de lá, invadindo o lugar com sua latino-americanidade e mostrando que são os verdadeiros donos da terra, pois, como dizem os Tigres del Norte, “Yo no crucé la frontera, la frontera me cruzó”.

Um desses Panchos me marcou. Caía a tarde feito um viaduto e a multidão de trabalhadores mexicanos descia do trem, em San Diego, para cruzar a barreira de volta a Tijuana. Um senhor de cabelos e barba branca levava sua bicicleta e os guardas do lado de lá lhe chamaram a atenção. Então vi esse senhor berrar o “Fuck you” mais simbólico da história da língua inglesa.

Mas muitos no lado de cá nem chegam a cruzar. Tem gente que nasceu em Tijuana ou vive lá há décadas, e nunca foi pro outro lado. Para eles, o muro é uma parede de cenário, como no filme “O Show de Truman”. Que dizer então da Colônia Libertad, um bairro que cresce se amontoando sobre o muro e que guarda milhares de histórias de migrantes retornados dentro de suas casas construídas com dinheiro da migração. De que lado está a liberdade?



Água que passa, muro que barra. O Rio Tijuana corta a cidade, margeado pela rodovia ironicamente chamada de Via Internacional. Quando chega na fronteira, o rio passa e o muro rebate a rodovia. Com mãos de ferro, o muro leva a rodovia até a praia. Só não muda o curso do rio porque não pode vencer a Natureza. E é ali, nesse rio, que está a imagem mais dura desse lugar: El Bordo.

O rio é canalizado, e, nas partes rasas do canal, milhares de pessoas encontram sua morada. Ali constroem suas barracas ou criam seus "quartos", em cavernas formadas pelas secas galerias de circulação fluvial. São migrantes deportados que, não tendo perspectiva de vida no "novo" país

onde foram despejados, ficam por ali, às vezes esperam uma hora certa de cruzar novamente, às vezes apenas ficam. Segundo dados do Colégio da Fronteira Norte (Colef), essa população contava, em outubro de 2013, com entre 700 e mil pessoas. Setenta por cento deles são detidos pela polícia ao menos uma vez por semana, pelos crimes de "não ter identidade", "perambular" e ter um "aspecto" ruim.

...Y si los hombres pudiéramos volar... Assim escreveram nas grades do muro. Terminei este ensaio inspirado pela metáfora da gente-pássara, trabalhada pela antropóloga Kolar Aparna e pela artista Amaranta Caballero, mulheres de luz que tive a honra de conhecer em Tijuana. "Essa gente com sua capacidade interminável de auto-organização, de imaginação que não se limita por grades ou paredes, sempre voa".

Por Júlio da Silveira Moreira, professor UNILA



NI UNA MENOS: MAIS GRITOS

FORAM GRITOS PARA SILENCIAR A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA, A VIOLÊNCIA FÍSICA, A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA. *Ni una Menos*, UMA MARCHA PELA LUTA DAS MULHERES NA AMÉRICA LATINA, APARECEU NOS CARTAZES, NAS CAMISETAS, NOS OUTDOORS DA GRANDE CIDADE PULSANTE DE BUENOS AIRES. MAS ESPECIALMENTE NO OLHAR DAQUELAS MULHERES

QUE EM MARCHA

MAIS UMA VEZ ESTIVERAM EM UNÍSSONO E MARCA



NAS RUAS

Por Atilon Lima e Fran Rebelatto



ABAL
PRIMO

**UMA CRÔNICA VISUAL QUE AFLORA
EM RECORTES AS VOZES SILENCIADAS.**

ARAM SUAS LUTAS NO CORPO SOCIAL.

ADO EM JUNHO DE 2015, NA CIDADE DE BS AS.



Conheça a Rede de Televisões Públicas e Culturais da América Latina: a TAL

A TAL é uma rede de intercâmbio e divulgação da produção audiovisual de todos os países da América Latina e reúne centenas de associados de toda a região. É uma rede de difusão e produção do audiovisual latino-americano, que atua como um espaço sociocultural e como uma estratégia de integração midiática, para cumprir com o propósito de “proporcionar conhecimentos sobre a diversidade e a unidade da região”, conforme afirma o seu fundador, Orlando Senna.

Em uma década de existência, a TAL passou por diferentes finalidades, iniciando, simplesmente, como um banco de dados da produção audiovisual dos países da América Latina. No ano de 2013, a TAL completou dez anos e apresentou mais de cem televisões públicas associadas e um acervo com mais de oito mil programas. Embora tenha surgido, primeiramente, como um banco de documentários da América Latina, a TAL passou para o estágio de distribuição e produção

conteúdos, desenvolvendo faixas de programação latino-americana entre os canais associados.

A rede chama a atenção por ser um espaço de convergência das televisões públicas e culturais da América Latina, através da circulação de conteúdo e intercâmbio criativo entre produtores dessa região. Assim, acaba por constituir-se como um espaço pelo qual circulam as contradições, as distâncias e as semelhanças entre as diferentes identidades que compartilham e produzem significados e, por meio da rede, representam as culturas latino-americanas.

Dados os significados culturais generalizadores produzidos pela indústria do audiovisual a respeito da cultura latino-americana, salienta-se a importância de diferentes estratégias de integração regional, por meio da criação

de novas matrizes midiáticas, da diversidade de conteúdos e da inserção de diferentes vozes no panorama da comunicação global.

Mais do que contrapor-se a uma proposição uniforme sobre uma determinada cultura, com a TAL diversos grupos circulam suas produções audiovisuais em canais televisivos de outros países, projetando o reconhecimento de diferentes visões sobre si mesmos.



A criação da TAL é antecedida por um momento da história do Brasil e dos demais países da América Latina marcado pelo fim dos regimes autoritários, em meados de 1980. O rompimento desses regimes também proporcionou o fomento de produções culturais, anteriormente aniquiladas por ideologias e interesses econômicos e políticos, que impediam a criação e a difusão da diversidade cultural.

A rede surge pela necessidade de aproximação e reconhecimento cultural através do fortalecimento do audiovisual da região, convergindo a diversidade dos modos de produzir e representar cada cultura pelas televisões públicas da América Latina. Uma rede para fomentar a produção e, também, o outro lado da

audiovisual: a exibição e a distribuição. Nesse conjunto, conforme descreve Orlando Senna, o acervo exibido na TAL é produzido por centenas de associados, entre eles canais públicos culturais e educativos da América Latina e, ainda, por produtores independentes desse continente. O acesso se dá de forma gratuita em sua *WebTV* (tal.tv) ou pela distribuição de conteúdo na programação dos canais associados.



Por Michele Dacas
Imagens tal.tv



ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO

"TARABATARA"

(2007)

DE JULIA SAKIA

"A vida era difícil andar pelo mundo. Agora não, que nós tamo morando. A vida mais miorô um poquinho". A fala da personagem de traços fortes, pele queimada pelo sol e vestido estampado, é seguido pela voz do narrador que vem de fora do enquadramento da tela. "Você prefere ficar parada do que andar?". Com o sotaque cantado a resposta é "não, é miô anda, mais acostumada". Assim, somos apresentados a uma das varias mulheres de uma comunidade cigana, que a partir de outras concepções de espaço, estabelecem um período de pausa nas paisagens do sertão Alagoano.

O documentário "Tarabatara" (2007) de Julia Sakia, busca adentrar-se ao universo de um povo nômade, geralmente visto a partir de elementos estereotipados. Os realizadores do documentário dialogam com tais estereótipos acentuando alguns elementos e desconstruindo outros a partir das experiências registradas durante dois meses de convivência com a comunidade nômade. A base do filme é a temporalidade - a da cultura nômade,





cigana – onde a concepção de tempo é central na narrativa, e conduz à construção do retrato de um cotidiano, intercalado por longos momentos de pausas nas falas e abordagens de uma câmera também personagem, que ora indaga, ora faz parte daquele universo.

O desenvolvimento da narrativa documental busca não ser tendencioso. Dialoga com os sujeitos, e por vezes coloca-os como agentes do processo fílmico. Exemplo disso é a mulher que ocupa um papel central, tanto na obra cinematográfica, quanto na cultura cigana. Como é colocado por elas em cena, no próprio documentário, quando afirmam que exercem o papel vital para a manutenção e funcionamento de sua cultura. Posição a qual difere em muito da nossa; uma cultura fundamentalmente patriarcal e machista, tanto na sociedade, quanto no cinema.

A textura visual do documentário é articulada com imagens são alternadas entre formatos analógicos, captadas por uma câmera super-8, e digitais. Os planos

em câmera super-8 empregam uma estética de imagem subjetiva, da qual encontramos referências no realismo mágico, frente ao misticismo que podemos construir, como espectadores, a partir do imaginário do cigano representado no documentário.

Há também o uso contínuo de planos detalhes como estilística de narração. Faces, pés, detalhes das roupas coloridas e dos dentes "metálicos", das barras das saias e dos rasgados do vestido. No entanto, os planos que mais marcam dentre todos, são os olhares dos personagens. Miradas emblemáticas que traduzem o sentido de uma cultura que concebe o viver, e o ver, diferente da nossa. Um olhar instigante e curioso, que nas crianças vem, muitas vezes, acompanhadas de sorrisos que norteiam um estado de alegria inconcebível pela cultura ocidental, na qual um modo de vida tão distante do seu, não pode produzir felicidade.

Por Felipe Eugenio Lovo



Assista ao filme no portal curtadoc.tv



AS RUAS QUE GRITAM:

Por Atilon Lima e Fran Rebelatto


Grito do Feminino

Chegar em Buenos Aires e não se deparar com alguma manifestação na rua, em frente a Casa Rosada, é uma raridade. As ruas sempre falam, desde as Mães da Praça de Maio até tantos movimentos contemporâneos, seguem em marcha nas ruas desta grande cidade pulsante...

...Em marcha: lutas dos povos originários

Este texto é uma manifestação simbólica sobre um acontecimento histórico-social, ocorrido em abril de 2015, o ato das integrantes da 1ª Marcha das Mulheres Originárias por el Buen Vivir, são palavras e imagens que se concretizam na observação das práticas sociais do próprio movimento. Apesar de visar a aproximação com os movimentos locais de resistência da cidade de Buenos Aires, as ideias aqui expostas também podem ser estendidas à outros lugares da nossa América Latina. Movimentos como esses são articulados nas ruas da capital Argentina e representam núcleos que pensam e agem dentro de um imaginário comum. São ações coletivas que reverberam suas causas do intra-corpo, do corpo e nos arredores do corpo social ao qual estão inseridas.

Tendo como destino o congresso nacional da Argentina a marchar pelas ruas de Buenos Aires foi idealizada como forma de alertar os moradores da cidade autônoma sobre os problemas do desenvolvimento da sociedade atrelada ao consumo e assim aproximar a todos do ideal do 'Buen Vivir'.



POR UNA
RELACIÓN
RECÍPROCA
ENTRE LOS
PUEBLOS Y LA
NATURALEZA
1ª MARCHA
DE MUJERES
ORIGINARIAS
POR EL BUEN VIVIR

Uma filosofia que é base para movimentos sociais e políticos em respeito às culturas tradicionais dos povos originários da América do Sul e que significa algo como vida boa, ou vida plena, em comunidade e em harmonia com a natureza. As líderes do marcha da capital portenha entregaram um anteproyecto de lei pelo "Buen vivir", o qual dizia: "Cada comunidad designará a dos compañeras para integrarlo de acuerdo con su filosofía ancestral y modos propios de organización, al tiempo que precisa que el Buen Vivir significa "restablecer la cohabitación en reciprocidad y armonía entre los pueblos y con la naturaleza".

